

O Papel da OCDE na Ascensão das Pesquisas Estatísticas sobre o Bem-estar Subjetivo

Guilherme Melo de Freitas^a
Diego Rafael de Moraes Silva^b

Resumo:

O objetivo do artigo é discutir o interesse pela temática da felicidade nos âmbitos estatístico e político por meio da análise do papel desempenhado pela OCDE. Partimos da constatação de que vivemos numa época em que o tema da felicidade, ou bem-estar subjetivo, projeta-se politicamente de maneira clara com auxílio das estatísticas. Propomos uma análise da ascensão das pesquisas estatísticas sobre bem-estar subjetivo a partir de um exame histórico das iniciativas que procuraram investigar quantitativamente este tema. Metodologicamente, tal exame se dá a partir de uma revisão bibliográfica da literatura e de uma análise documental dos materiais fornecidos pelas instituições envolvidas. Concluimos destacando o papel da OCDE na ascensão das pesquisas estatísticas sobre bem-estar subjetivo enquanto um exemplo de comunidade epistêmica que influencia na formação da agenda da produção estatística e da demanda política por indicadores através da mobilização de atores e redes de especialistas.

Palavras-chave: OCDE, Estatísticas de bem-estar, Comunidades epistêmicas.

^a Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e Gestor do Núcleo de Sociologia do Instituto de Formação e Educação (IFE). guilherme.melo.freitas@usp.br

^b Doutorando e Mestre em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). diegosilva@ige.unicamp.br

The OECD Role in the Rise of the Statistical Researches on Subjective Well-Being

Abstract:

The goal of this article is to discuss the interest in issues of happiness in statistical and political spheres through the analysis of the role played by the OECD. We start with the observation that we live in a time in which the themes of happiness or subjective well-being are politically projected with the help of statistics. Then, we propose an analysis of the rise of statistical research on subjective well-being departing from an historical scrutiny of the initiatives that sought to quantitatively investigate this issue. Methodologically, such an examination is done through a review of existing literature on the matter as well as an analysis of the materials provided by the institutions involved in our inquiry. Finally, we highlight the role of the OECD in the rise of statistical research on subjective well-being as an example of an epistemic community that exercises influence on the formation of the agenda of statistical production and political demand for indicators by mobilizing actors and networks of experts.

Keywords: OECD, Well-being statistics, Epistemic communities.

Introdução

“Os mais importantes Projetos Manhattan do futuro serão as vastas pesquisas, sob patrocínio governamental, em torno do que os políticos e os cientistas participantes chamarão ‘o problema da felicidade’” (HUXLEY, [1932] 1979)

Esta citação de Aldous Huxley, que consta num prefácio escrito em 1946 para seu livro *Admirável Mundo Novo*, prenunciava com precisão acontecimentos recentes relacionados ao aparecimento da temática da felicidade em discussões sobre produção estatística e políticas públicas. Independentemente de haver ou não concordância de nossa parte com o juízo de valor de Huxley ao denominar essas tentativas de “Projetos Manhattan do futuro”, o fato é que o trecho citado é certo em suas previsões, pois, afinal de contas, vivemos numa época em que o tema da felicidade, nas suas diversas denominações (bem-estar subjetivo, qualidade de vida, desenvolvimento humano e etc.), projeta-se politicamente de maneira bastante clara, sobretudo com auxílio das pesquisas estatísticas.

A título de exemplo, vale mencionar alguns casos recentes. Em 2007 ocorreu a conferência *Beyond GDP*, organizada por instituições internacionais como a Comissão Europeia e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que discutiu questões relacionadas às mensurações do progresso das sociedades para além das estatísticas do Produto Interno Bruto (PIB), estudando, por exemplo, a inclusão de aspectos sociais, ambientais e de qualidade de vida na produção estatística que aborda o nível de progresso das nações.

Em 2008, na França, o então presidente francês Nicolas Sarkozy requisitou aos renomados economistas Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean-Paul Fitoussi a elaboração de um relatório que repensasse os modos de mensurar o desempenho dos governos, no que se refere ao desenvolvimento da sociedade como um todo. O grupo, que ficou conhecido como *Stiglitz-Sen-Fitoussi Commission*, publicou então um relatório sugerindo novas abordagens metodológicas e teóricas para mensurar o desenvolvimento. É notável que entre os dados relevantes citados no relatório estavam os elementos subjetivos envolvidos no bem-estar, que poderiam contribuir sensivelmente para a criação de novos indicadores de qualidade de vida (STIGLITZ; SEN; FITOUSSI, 2008).

Em 2010, o Primeiro Ministro inglês, David Cameron, estabeleceu diretrizes para o *Office of National Statistics* (ONS), escritório estatístico inglês, que tinham como objetivo promover mensurações “heterodoxas” de bem-estar (CAMERON, 2010). Em concreto, o ONS

instituiu o *Measuring National Well-being Programme*, que assumiu um entendimento sobre o progresso que buscava ir além das estatísticas do PIB abordando, entre outros assuntos, as pesquisas estatísticas sobre o bem-estar subjetivo.

Estes são apenas alguns dos episódios recentes que atestam a presença da temática da felicidade no âmbito da estatística e da política pública. Com este panorama em vista, as indagações investigativas que norteiam o presente artigo vão justamente no sentido de questionar: i. O que teria impulsionado o interesse pela temática da felicidade nos âmbitos estatístico e político? ii. É possível apontar atores-chave responsáveis por essa nova tendência?

Para operacionalizar tais questões de pesquisa é necessário, antes de tudo, deixar claro que as diferentes iniciativas que denominamos ao longo deste artigo de “pesquisas estatísticas sobre o bem-estar subjetivo”, enquanto *proxies* das pesquisas estatísticas dedicadas à discussão da temática da felicidade, não possuem definições rigorosas, nem um vocabulário comum. Então, ficará evidente que os diversos estudos aqui considerados utilizam de modo bastante impreciso e intercambiável as noções de “felicidade”, “bem-estar”, “satisfação”, “qualidade de vida”, entre outros. Portanto, a título de esclarecimento, explicitamos que serão objetos de apreciação no presente estudo as pesquisas estatísticas que buscam apreender o bem-estar no que se refere a sua dimensão subjetiva, isto é, aquelas que estão preocupadas especificamente com o julgamento, a avaliação, as percepções, os estados subjetivos das pessoas sobre seu próprio bem-estar.

Mais especificamente, propomos aqui uma análise da ascensão política das pesquisas estatísticas sobre o bem-estar subjetivo a partir de um exame histórico das iniciativas que procuraram investigar quantitativamente o tema do bem-estar subjetivo. Metodologicamente, tal exame se dará a partir de uma revisão bibliográfica da literatura especializada nesta temática e também de uma análise documental a partir dos materiais fornecidos pelas instituições envolvidas com estas discussões. É importante ressaltar, contudo, que, com a revisão bibliográfica e a análise documental, não pretendemos examinar as pesquisas estatísticas em si, nos seus aspectos conceituais e metodológicos. Ou seja, nossa investigação se propõe apenas a se debruçar sobre a ascensão política da temática da felicidade por meio das pesquisas estatísticas sobre o bem-estar subjetivo, não envolvendo um julgamento sobre a consistência estatística e científica dessas pesquisas.

O presente artigo está organizado da seguinte maneira. Esta primeira seção é dedicada às considerações introdutórias. Na segunda seção, buscaremos rastrear as raízes históricas

das iniciativas que procuraram empreender pesquisas estatísticas sobre o tema do bem-estar subjetivo. Partindo desse panorama histórico amplo, na terceira seção voltaremos o enfoque de nosso estudo para o ator que despontou contemporaneamente como o grande protagonista para que se dessem os acontecimentos recentes supracitados, a OCDE, realizando um exame pormenorizado dos três primeiros Fóruns Mundiais da OCDE sobre a questão da mensuração e promoção da temática do bem-estar subjetivo. Observaremos que estes três primeiros Fóruns Mundiais da OCDE foram essenciais para a inserção e consolidação do tema da felicidade na esfera política por meio das pesquisas estatísticas de bem-estar subjetivo. Na quarta e última seção, teceremos algumas considerações finais sobre a abordagem estatística da temática da felicidade e o papel da OCDE enquanto Comunidade Epistêmica de destaque neste campo.

Evolução Histórica das Pesquisas Estatísticas sobre Bem-Estar Subjetivo

Uma busca precipitada pode gerar a impressão de que as pesquisas sobre bem-estar subjetivo sejam algo bastante recente, do final do século XX. Isso ocorre provavelmente porque, na atualidade, há alguns trabalhos proeminentes entre os pesquisadores das chamadas *Sciences of Happiness* que sugerem essa ideia (FREY & STUTZER, 2000a, 2000b, 2002; LAYARD, 2005; SELIGMAN, 2004), especialmente entre os expoentes da Psicologia Positiva, movimento que ganhou força na década de 1990 e que reúne psicólogos descontentes com a prática tradicional da área. Segundo eles, a psicologia teria se concentrado nos aspectos negativos do ser humano, como tristezas, traumas, depressões, fobias e etc., esquecendo-se dos fatores positivos, como felicidade, satisfação, bem-estar. Possivelmente, essa recente situação de destaque da Psicologia Positiva é uma das maiores responsáveis por tornar as discussões sobre bem-estar subjetivo algo conhecido do grande público. Dada a associação que intuitivamente é feita entre bem-estar subjetivo e Psicologia Positiva e dado que esse ramo da psicologia é bastante novo, tudo contribui para que a conclusão rápida a respeito seja a seguinte: as métricas de bem-estar subjetivo também são algo recente (ANGNER, 2011).

Essa percepção, contudo, não se confirma depois de uma busca histórica mais atenta. Por volta da década de 1920 já havia esforços que visavam a captar os aspectos subjetivos relativos ao bem-estar: por exemplo, estudos sobre a situação matrimonial, pesquisas no âmbito da psicologia educacional e da personalidade já tentavam mensurar o que se denominava de “felicidade” e/ou “satisfação” (FREITAS, 2012). Mais adiante, tais tentativas influenciariam trabalhos de epidemiologia da saúde mental, gerontologia, e o

Social Indicator Movement nos anos 60 e 70, nos quais mensurações com abordagem de aspectos subjetivos foram utilizadas em amostras de grande escala como indicadores de saúde mental e bem-estar (FREITAS, 2012).

Um dos primeiros e mais influentes trabalhos científicos a falar especificamente em “felicidade” já havia sido publicado no ano de 1930. É o livro *Happiness among Adult Students of Education* de Goodwin Watson. Ao iniciar sua obra chamando a atenção para a importância da temática da felicidade para o ser humano, o autor se dizia surpreso com a curiosa evolução da psicologia enquanto disciplina, em que teria havido um duplo movimento: se, por um lado, ocorreu uma intensa utilização de novas técnicas para o tratamento dos problemas psíquicos, por outro lado, houve uma notável ausência de tentativas que buscassem compreender melhor o tema da felicidade (WATSON, 1930). Partindo dessas considerações, ele elaborou um questionário bastante extenso para tentar averiguar a relação entre níveis de felicidade e vários outros fatores da vida de uma pessoa: traços de personalidade, IQ, faixa etária, local de residência, deficiências físicas, situação matrimonial dos pais, notas escolares e assim por diante (WATSON, 1930).

Além das iniciativas em estudos sobre educação, houve outra ramificação da psicologia surgida também por volta dos anos de 1930 que certamente foi relevante em relação aos acontecimentos abordados aqui. Trata-se da psicologia da personalidade. Obtendo avanços notáveis nas décadas anteriores, a psicologia da personalidade se desenvolveu conjugando uma perspectiva psicométrica com o intuito de fornecer material passível de utilização por parte das corporações e dos governos. Foi então que os psicólogos passaram a elaborar questionários de auto-relato e testes de múltipla escolha, com o objetivo de identificar diferentes tipos de personalidade e seus respectivos modos de atuar (WINTER & BARENBAUM, 1999).

A motivação desses empreendimentos era a esperança de construir um saber científico que auxiliasse naquilo que era visto como uma verdadeira necessidade de gerir e controlar a população americana, que rapidamente se tornou maior, mais diversificada e mais complexa (WINTER & BARENBAUM, 1999). A psicologia da personalidade foi decisiva para consolidar a confiança na possibilidade de mensurar traços relativos a características subjetivas. Isso explica porque, a partir dos anos 1930, os estudos sobre aspectos subjetivos não só começaram a ser aceitos, mas também passaram a ser valorizados como potenciais fontes de informação para empresas e governos, o que, evidentemente, preparou o caminho para posteriores desdobramentos.

Segundo Angner (2011), as décadas de 1940 e 1950 não apresentaram novidades significativas sobre o tema. Entretanto, no começo dos anos 1960, surgiram iniciativas na área de epidemiologia que passaram a utilizar métricas de felicidade e satisfação como índices de saúde mental em amostras de grande porte. Num estudo de referência nessa área intitulado *Americans View their Mental Health*, Gurin et al. (1960) procuraram captar como os indivíduos enxergavam seu próprio estado de saúde mental. Entre os vários critérios adotados, estava a avaliação da pessoa sobre sua própria felicidade.

Comparadas às pesquisas anteriores, as iniciativas da epidemiologia têm algumas particularidades. Como os pesquisadores dessa área estavam interessados em captar a situação da população como um todo, acabaram realizando estudos com grandes amostras para representar a população nacional. E, além de querer apreender a distribuição da “felicidade” ou do “bem-estar psicológico” em escala nacional, também buscaram captar essa distribuição ao longo do tempo, tentando relacioná-la à ocorrência concomitante de transformações da sociedade (BRADBURN & CAPLOVITZ, 1965). Essa perspectiva de grande alcance temporal e populacional repercute até hoje em várias iniciativas como, por exemplo, o *National Indicators of Subjective Well-being* e o *National Well-being Accounts* (DIENER, 2006; KAHNEMAN et al., 2004).

Outro marco nesse percurso histórico das tentativas de mensuração de aspectos subjetivos é o ano de 1967, quando o psicólogo Warner Wilson publicou o clássico artigo *Correlates of Avowed Happiness* que é a primeira grande revisão da literatura especializada nos temas relativos às pesquisas da área. A partir dessa meta-análise, o autor concluiu que tais estudos realmente geravam resultados válidos e confiáveis, incitando a produção de novos trabalhos, especialmente experimentais, nos quais os níveis de felicidade dos indivíduos fossem tratados por meio de terapias, investigando assim possíveis “causas” da felicidade das pessoas e, a partir disso, descobrindo eventuais meios para incrementá-la (WILSON, 1967).

Nessa mesma década, surgiu o *Social Indicator Movement*, movimento bastante importante na história das pesquisas que buscaram superar os enfoques meramente econômicos para a averiguação do bem-estar. Este movimento foi fruto de uma tendência nas transformações pelas quais o sistema capitalista vinha passando desde a virada do século XIX: no lugar da exploração radical dos trabalhadores, que caracterizou os inícios da Revolução Industrial, surgiram iniciativas provenientes do Estado e da sociedade que buscavam conjugar o aumento da produtividade econômica com a melhora das condições

de vida da população (COBB & RIXFORD, 1998). Com isso, a ideia de bem-estar social foi ganhando força, principalmente na Europa após a Segunda Guerra Mundial no que veio a ser conhecido como Estado do Bem-Estar Social.

Foi nesse contexto que despontou o termo “qualidade de vida”, sugerindo que a consideração da situação material não era suficiente para abranger todas as necessidades das pessoas (VEENHOVEN, 1996). Assim, o cenário se alterava, e aos poucos se consolidava cada vez mais a convicção de que os indicadores destinados a refletir a situação de uma sociedade não deveriam ser estritamente econômicos. Começaram, então, a surgir iniciativas que visavam ao desenvolvimento de um sistema consistente de estatísticas sociais, comparável ao sistema de estatísticas econômicas (SANTAGADA, 2007). Essas iniciativas fizeram emergir outros temas para as discussões ligadas ao âmbito político: por exemplo, critérios como qualidade de vida e bem-estar passaram a aparecer como importantes para pensar a situação das sociedades. (ANGNER, 2011). Como consequência dessas novas vozes, surgiram propostas inovadoras de indicadores que poderiam servir como referenciais mais adequados da qualidade de vida das pessoas.

Num primeiro momento, a reflexão procurava ultrapassar a abordagem estritamente econômica, mas se restringia a mudanças de critérios objetivos (CAMPBELL, 1976). Isto é, além do PIB, passou-se a dar atenção para fatores como expectativa de vida, acesso à alimentação, água, saneamento, educação, entre outros. Os pesquisadores começaram, todavia, a perceber que a posse dessas informações não implicava necessariamente na compreensão da situação de bem-estar das pessoas, pois, num grau considerável, a escolha de tais dados acabava por manifestar os pressupostos dos próprios pesquisadores, que elegiam fatores específicos e, inevitavelmente, excluía outros como sendo relevantes para o bem-estar (CAMPBELL, 1996). Em decorrência dessas inquietações metodológicas, surgia com mais veemência outro tipo de problematização: não apenas o “economicismo” era questionado, mas também o que poderíamos chamar de “exclusividade dos aspectos objetivos” no estudo do bem-estar.

A discussão, portanto, mudou de patamar. Não se estava apenas defendendo o uso de métricas subjetivas para complementar o estudo do bem-estar. As métricas subjetivas não deveriam ser adotadas simplesmente pelo motivo de complementarem as métricas objetivas, mas sim porque elas seriam as mais apropriadas para estudar o tema do bem-estar, pois, diferentemente das métrica objetivas, conseguiriam captar o objeto em questão de modo direto, sem inferências induzidas a partir de outras variáveis (FREITAS, 2012).

Surgia, então, uma defesa da superioridade das abordagens subjetivas para apreender o bem-estar das pessoas.

Entre os trabalhos pioneiros desta abordagem está o de Hadley Cantril, intitulado *The Pattern of Human Concerns*, de 1965. Procurando identificar a relação entre as aspirações dos indivíduos e seus níveis de satisfação, ele elaborou a *Self-Anchoring Striving Scale*, que basicamente é uma escala gráfica bastante simples em que a pessoa indica, numa reta que varia da pior até a melhor situação de vida possível, o que pensa sobre a importância de determinados assuntos para o seu bem-estar pessoal (CANTRIL, 1965). Em 1976, há ainda o trabalho de Andrews & Withey (1976), intitulado *Social Indicators of Well-being: Americans' Perceptions of Life Quality*, no qual os pesquisadores, apesar de reconhecerem as qualidades dos indicadores sociais, defendem uma abordagem centrada na percepção das pessoas sobre seu bem-estar, igualando essa percepção ao próprio bem-estar (ANDREWS; WITHEY, 1976). Enfim, continuou-se com a produção de trabalhos sobre o bem-estar nessa área chamada de *Measuring Perceptions*, culminando no lançamento da revista *Social Indicators Research* em 1974, fundada por Alex Michalos, referência entre os estudos do assunto até os dias atuais (COBB & RIXFORD, 1998).

Nos últimos anos, são vários os trabalhos que realizaram uma revisão da literatura sobre tais pesquisas (CONCEIÇÃO & BANDURA, 2008; CORBI, 2007; DIENER, 1984; DIENER *et al.*, 1999; FREY & STUTZER, 2000a, 2000b; HOORN, 2007; MCGILLIVRAY, 2007). Em meio ao grande número de publicações, os nomes mais citados são os dos psicólogos Diener (1984; 2006) e Kahneman & Krueger (2006); e dos economistas Frey & Stutzer (2000a, 2000b), Clark & Oswald (1994), Deaton (2008), Helliwell (2003), entre outros que lidam com o tema do bem-estar subjetivo adotando diferentes abordagens. É possível citar ainda o sociólogo holandês Rutt Veenhoven, criador do site *World Data Base of Happiness*, onde há um variado conteúdo sobre o tema e textos do próprio Veenhoven (1989; 1997; 2000; 2006; 2007).

Em âmbito político, é emblemático o caso do empreendimento do governo do Butão em prol da mensuração da felicidade desde a década de 1970. A noção de Felicidade Interna Bruta (FIB) surgiu quando, em 1972, o rei do Butão sustentou que a FIB é mais importante do que o PIB, contrapondo-se às críticas que recebia pelo baixo crescimento econômico de seu país. Recebendo o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a FIB procura considerar no cálculo de progresso da nação aspectos outros que o econômico.

No Brasil, porém, contamos regularmente apenas com a iniciativa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que divulga trimestralmente um índice de satisfação com a vida, tendo a série se iniciado em 1999 (FEIJÓ *et al.*, 2012). Cabe destacar, no entanto, que no XXIII Fórum Nacional, realizado em maio de 2011 no Rio de Janeiro, o tema recebeu destaque e, além disso, há também uma proposta de Emenda Constitucional no País, conhecida como PEC da Felicidade, de forma a incluir o assunto na constituição brasileira (FEIJÓ *et al.*, 2012).

No século XXI, essa tendência começou a se evidenciar de modo ainda mais consistente em relação aos discursos sobre bem-estar subjetivo no âmbito político, ultrapassando definitivamente o âmbito das discussões científicas. Para chegar a essa constatação, basta observar os exemplos elencados na introdução deste artigo, dentre diversos outros, tais como as discussões sobre bem-estar subjetivo no âmbito do Fórum Econômico Mundial¹ ou os esforços recentes da ONU na promoção de encontros e relatórios sobre o tema². Como explicar essa alteração de cenário que ocorreu a partir dos anos 2000? O argumento que exporemos na próxima seção aponta para a atuação cada vez mais influente das organizações internacionais enquanto elemento explicativo central dessa mudança. Na transição do século XX para o XXI assistimos a um notório crescimento da relevância das organizações internacionais no cenário político mundial, e, no campo das pesquisas estatísticas sobre o bem-estar subjetivo, é mais notável ainda a atuação de uma organização em específico: a OCDE.

Os Fóruns da OCDE e a Ascensão Política do Bem-estar Subjetivo³

Desde 2004 ocorrem Fóruns Mundiais organizados pela OCDE dedicados ao tema da utilização de conhecimentos mais precisos, especialmente estatísticos, por parte dos governos tendo em vista o progresso das sociedades. Para todos os acontecimentos recentes citados na introdução deste artigo, esses Fóruns são a grande referência, no sentido de oferecerem um espaço para a apresentação de novas maneiras de abordar a questão do progresso, colaborando assim para a divulgação e promoção de tais temas. Apesar de contar atualmente com vários outros parceiros e colaboradores, a grande promotora desses Fóruns Mundiais foi e continua sendo a OCDE. Nos próximos parágrafos apresentaremos a configuração e o desdobramento dos três primeiros Fóruns Mundiais, nos quais há a introdução e a consolidação da relevância das pesquisas estatísticas sobre o bem-estar subjetivo.

¹ Cf. *Wellbeing and Global Success*, 2012.

² Cf. *World Happiness Report*, 2012.

³ A maior parte das informações desta seção foram recolhidas diretamente dos sites de cada um dos Fóruns Mundiais da OCDE e de documento e relatórios que constam nestes sites e estão listados nas referências bibliográficas do presente artigo (1º Fórum - www.oecd.org/site/worldforum/; 2º Fórum - <http://www.oecd.org/site/worldforum06/>; 3º Fórum - <http://www.oecd.org/site/progresskorea/>; 4º Fórum - <http://www.oecd.org/site/worldforumindia/>).

O evento pioneiro da OCDE de incentivo à produção de pesquisas que permitissem comparar em âmbito internacional o progresso das sociedades a partir de novas concepções de progresso ocorreu em novembro de 2004, na cidade de Palermo, Itália. O congresso *Statistics, Knowledge and Policy: OECD World Forum on Key Indicators* reuniu estatísticos de várias partes do mundo, assim como políticos, pesquisadores e representantes da sociedade civil. Em concreto, foram pouco mais de 540 especialistas envolvidos com o tema, provenientes de mais de 40 países, além daqueles que acompanharam o evento via internet. Este 1º Fórum Mundial da OCDE se anunciava como um agente aglutinador decisivo, possibilitando um intercâmbio permanente a partir de encontros periódicos sobre a temática a fim de conduzir discussões que produzissem aprendizados por meio de experiências, projetando melhorias e avanços, bem como pensando o papel da mídia na difusão de estatísticas para o público em geral.

Após o evento, a OCDE elaborou um material de síntese sob o título *Highlights of the Conference*. Trata-se de um folheto de divulgação que aponta trechos relevantes do evento, apresentando as principais passagens de alguns dos pronunciamentos. De modo geral, talvez a principal característica encontrada neste folheto é o destaque para as falas de personalidades que ocupam postos estratégicos no âmbito político, expondo justamente argumentos que endossam a relevância do uso de estatísticas bem consolidadas e depuradas analiticamente para a formulação e avaliação de políticas. Ou seja, enquanto iniciativa engajada em impulsionar a produção de conhecimento que tenha impacto em políticas, o evento adota como estratégia a montagem de uma grandiosa “vitrine” que apresenta pronunciamentos de atores importantes insistindo, de maneiras diferentes, numa ideia comum: a necessidade de conhecimento mais sofisticado sobre o tema do progresso das sociedades, com vistas a auxiliar políticas futuras.

Tendo em conta tais pronunciamentos e a magnitude do evento, é possível afirmar que o Fórum de Palermo foi pioneiro para a promoção da temática relativa à valorização de conhecimentos estatísticos para a política. Tal afirmação é corroborada pelos vários desdobramentos posteriores. Em 2005, foi lançado o relatório sobre o Fórum. Nele, é citada a criação de uma base de dados que já reunia mais de 200 artigos sobre experiências com indicadores em diversos países. O relatório também salienta o sucesso do evento, no sentido de consolidar a temática enquanto relevante para a pauta política e conclui anunciando que, dadas essas resoluções, o Secretariado da OCDE já estava desenvolvendo meios para concretizar um projeto temático de pesquisa nos próximos anos e para organizar uma reedição do Fórum Mundial.

No decorrer das mais de 600 páginas do relatório, que reúne todas as apresentações do evento, há poucas menções ao tema das métricas de bem-estar subjetivo. A principal exposição nesse sentido foi sobre indicadores na Austrália (*Measures of Australia's Progress – A Case Study of a National Report Based on Key Economic, Social and Environment Indicators*), apresentada por Dennis Trewin e Jon Hall, pesquisadores do escritório estatístico australiano, os quais comentam brevemente a importância de levar em conta métricas relativas ao bem-estar subjetivo. É importante citar aqui os autores, pois, especialmente o último, Jon Hall, terá atuações relevantes em acontecimentos posteriores. Porém, considerando que o relatório conjuga todas as apresentações do evento, as referências ao tema da felicidade no Fórum de Palermo são escassas, evidenciando que a questão do bem-estar subjetivo ainda não aparecia como um elemento de destaque nas pautas de discussão.

A boa repercussão do Fórum de Palermo se evidenciou nas dimensões que adquiriu o segundo Fórum Mundial da OCDE em 2007, sediado em Istambul, na Turquia. Porém, nesse intervalo de três anos, ocorreram *workshops* e conferências regionais temáticas que serviram de preparação para o segundo Fórum Mundial. Quanto aos *workshops*, os principais ocorreram na própria Itália. O primeiro deles, em março de 2006, na cidade de Bellagio, intitulou-se *Measuring Progress of Societies: a Key Policy Challenge*, e se apresentou como uma reunião para discutir o que era considerado como um dos mais importantes temas da atualidade: como mensurar o progresso das nossas sociedades. A conferência foi organizada pela OCDE e pelo grupo americano *Key National Indicators Initiative*.

Entre os 23 participantes da conferência, encontravam-se o então secretário-geral da OCDE, Donald J. Johnston, o estatístico-chefe da OCDE, Enrico Giovannini, o estatístico australiano Jon Hall – que, nesse momento, passara a ocupar o cargo de líder da organização do Fórum Mundial da OCDE – e alguns outros membros da OCDE, bem como outras pessoas advindas, por exemplo, do Banco Central Europeu, do Banco Mundial, da divisão de estatísticas da ONU, do jornal inglês *Financial Times*, do governo da Turquia, entre outros.

Em linhas gerais, é possível afirmar que, nessa reunião, delinearam-se as principais diretrizes e o escopo para o 2º Fórum e o rascunho do que viria a ser o *Global Project on Measuring the Progress of Societies*. Cabe mencionar que este *Global Project* teve como ideia norteadora ser uma “rede de redes”, que se constitui num canal de intercâmbio entre organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, universidades, centro de pesquisas, entre outros, abordando de diversas maneiras a temática relativa ao progresso das sociedades e buscando incentivar o uso de indicadores para informar e promover decisões baseadas em evidências.

O segundo *workshop* ocorreu em abril de 2007 na Universidade de Roma. Esse evento foi expressamente relacionado à temática do bem-estar subjetivo. Intitulado *Is happiness measurable and what do those measures mean for policy?*, o encontro abordou especificamente os avanços recentes nos estudos sobre felicidade e satisfação com a vida, discutindo prováveis oportunidades para novos paradigmas na formulação de políticas, os quais, mais do que a renda nacional, considerariam a felicidade das pessoas como o grande objetivo a ser buscado pelos tomadores de decisão. Além de tratar de temas metodológicos, o último tópico abordado foi a relação entre métricas de felicidade e políticas numa sessão intitulada *Happiness and Public Policy*.

Como é possível perceber, as pesquisas sobre bem-estar subjetivo, aos poucos, começavam a fazer parte desses acontecimentos. Se em Palermo sua presença foi praticamente nula, no intervalo entre os dois Fóruns o panorama começava a mudar: além da realização de um *workshop* exclusivo sobre o tema, nota-se que as duas principais personalidades chave das iniciativas da OCDE relativas a novos modos de mensurar e conceber o progresso das sociedades – Enrico Giovannini e Jon Hall – de algum modo também estavam envolvidos com a temática.

Com o título *Measuring and Fostering the Progress of Societies*, o 2º Fórum Mundial da OCDE se apresentou como uma realização decorrente das resoluções do último evento em Palermo. Em Istambul, contudo, as dimensões do evento tomaram novas proporções: ao todo, foram mais de 1200 participantes de mais de 130 países. Após as 10 sessões plenárias principais e as mais de 200 palestras paralelas, o evento ainda lançou um vídeo de divulgação de 12 minutos, cuja mensagem principal é a afirmação da importância do tema da mensuração do progresso das sociedades, com depoimentos de personalidades do alto escalão do PNUD/ONU, da OCDE e do Banco Mundial.

Neste segundo Fórum foi assinado o que ficou conhecido como “Declaração de Istambul”. Nela, os signatários se comprometeram a fomentar a mensuração e a promoção do progresso das sociedades em todas as dimensões, com a meta principal de aperfeiçoar a formulação de políticas, a democracia e o bem-estar dos cidadãos. Foram vários os assinantes do documento: Comissão Europeia, OCDE, ONU, Banco Mundial, UNESCO, UNICEF, dentre outras instituições nacionais e internacionais, além da assinatura pessoal de vários ocupantes de cargos governamentais e ministérios de diversos países. Além da assinatura desta declaração, o Fórum também promoveu pela primeira vez a exibição e a premiação de ferramentas inovadoras que buscam transformar estatísticas em conhecimento, algo que

permanecerá nos eventos posteriores, no sentido de incentivar novos modos de difundir conhecimento pautado em informações estatísticas.

Em se tratando especificamente da temática do bem-estar subjetivo, entre os cinco grandes temas da conferência, o quarto intitulava-se *Making Progress in a Complex World: How can we better understand the links between things we do, the ways in which we organize ourselves, and our progress?*. Uma das cinco mesas presentes nesse tema geral se chamava *Measuring Happiness and Making Policy* sendo que, entre os seis participantes da mesa, figuraram o sociólogo holandês Ruut Veenhoven, o economista britânico Paul Dolan, que viria a fazer parte do escritório estatístico inglês, e ainda pesquisadores dos respectivos escritórios estatísticos da Coreia do Sul, da Alemanha e do Japão.

Se no primeiro Fórum o bem-estar subjetivo foi referido de modo tímido no interior de um único texto do relatório oficial, no relatório desse segundo Fórum, contrariamente, a quinta seção da publicação se intitula *Subjective Measures of Well-being*, com textos de dois holandeses: um do economista André van Hoorn (*A Short Introduction to Subjective Well-being: Its Measurement, Correlates and Policy Uses*), que faz uma síntese do desenvolvimento do tema e apresenta os acontecimentos mais recentes, assim como aponta possíveis potencialidades políticas para tal abordagem; e o outro do próprio sociólogo Ruut Veenhoven (*Measures of Gross National Happiness*), que apresenta um artigo mais propositivo, expondo sua concepção de felicidade e a mensuração que julga ser proveitosa para o uso em políticas de grande escala.

Sob o título *Charting Progress, Building Visions, Improving Life*, o 3º Fórum Mundial ocorreu em outubro de 2009, organizado pela OCDE e pelo escritório estatístico sul-coreano em Busan, Coreia do Sul. Entre os assuntos centrais abordados ao longo do evento, figurava o tema *New Measures, New Policies*, no qual encontramos a mesa *National Initiatives to Measure Well-Being, Societal Progress and Sustainable Development in OECD Countries*, na qual apareceram menções explícitas acerca da inserção de pesquisas estatísticas sobre bem-estar subjetivo em iniciativas empreendidas pelos governos do México, da Austrália e do Reino Unido.

Nesse terceiro Fórum Mundial os principais produtos apresentados foram o *OECD Roadmap* e o *WikiProgress*. O *OECD Roadmap* é basicamente um documento contendo a descrição sintetizada da trajetória dos esforços da OCDE no âmbito da mensuração do progresso. Nele é apresentada a temática do uso indevido das estatísticas, exemplificado

na utilização do PIB como indicador de bem-estar de uma sociedade e não dos seus fluxos produtivos, e é exposto o trabalho que a OCDE tem realizado, partindo da organização dos Fóruns Mundiais e culminando na “Declaração de Istambul” e no lançamento do *Global Project on Measuring the Progress of Societies*, o qual proporcionou um meio para a formação de redes, buscando vias de influência e criando novas ferramentas de mensurações relativas ao tema do progresso.

O documento prossegue afirmando que, a partir dos desdobramentos dessas iniciativas, começou a surgir uma grande demanda política por uma nova geração de estatísticas sobre as várias dimensões do bem-estar, que se manifestou em eventos subsequentes, tais como aqueles citados na introdução deste artigo. No mais, é também interessante que, ao mencionar o que é necessário para emergir essa nova geração de estatísticas e para captar quantitativamente o bem-estar, este documento cita em primeiro lugar a mensuração das expectativas e os níveis de satisfação dos indivíduos. O *OECD Roadmap* prossegue afirmando que todos esses acontecimentos lançaram uma agenda inovadora para a política contemporânea. Entre as três áreas (recursos econômicos, qualidade de vida e sustentabilidade) da concepção de progresso que ele engloba, na segunda área - a qualidade de vida - há um texto comentando que as métricas de bem-estar subjetivo são abordadas em vários relatórios da OCDE e trabalhos estariam em andamento para avaliar a sua implicação para as políticas sociais e para desenvolver diretrizes sobre como mensurar da melhor forma suas várias dimensões.

O documento conclui ressaltando que a OCDE continuará apoiando o *Global Project on Measuring the Progress of Societies* como uma “rede de redes” e como um movimento que atua em defesa da importância do progresso e do bem-estar, e finaliza anunciando três pontos com os quais ela se compromete a trabalhar: i. Estabelecer prioridades para a agenda de estatísticas, incentivando essas discussões nos Comitês da OCDE; ii. Desenvolver métricas, metodologias e novas ferramentas sob a perspectiva do bem-estar, lançando publicações nesse sentido; iii. Melhorar a formulação de políticas no sentido de visar ao bem-estar, criando uma série de monografias com título, estrutura e abordagem comuns sobre os vários temas relacionados ao progresso e ao bem-estar.

O outro relevante produto desse Fórum foi o *WikiProgress*, o qual se trata de uma plataforma global na internet, aberta para contribuições diversas, com a missão de conectar organizações e pessoas ao redor do mundo que se interessem por desenvolver métricas inovadoras de progresso. Tal iniciativa não tem a ver apenas com a questão dos indicadores,

mas também com o desenvolvimento de uma comunidade colaborativa que trabalhe conjuntamente para determinar o que significa e como medir o bem-estar das sociedades. Na plataforma se encontram artigos, *links*, projetos, bancos de dados, repercussões na mídia, e um calendário de eventos sobre o tema das métricas de progresso. Num balanço feito em 2011, o *WikiProgress* sinalizava avanços significativos. Enquanto em 2010 a plataforma recebia por volta de 4.800 visitantes diferentes por mês, em 2011 foram mais de 10.000.

A busca da OCDE por melhores modos de mensurar o progresso das sociedades também se concretizou no estabelecimento da *Better Life Initiative*, iniciativa da Diretoria de Estatística da OCDE que procura catalisar e incentivar os trabalhos promotores desse tipo de temática. Bastante inspirada nas recomendações explicitadas pela *Stiglitz-Sen-Fitoussi Comission*, com a qual a OCDE contribuiu significativamente, esta iniciativa adotou 11 dimensões (comunidade, educação, meio ambiente, participação civil, saúde, moradia, renda, trabalho, satisfação com a vida, segurança, balanço entre trabalho e qualidade de vida) como sendo essenciais para o bem-estar, as quais apareceram nos seus dois principais produtos.

O primeiro deles, anunciado em maio de 2011, justamente no lançamento da própria *Better Life Initiative*, e também aniversário de 50 anos da OCDE, é o *Your Better Life Index*, que é uma ferramenta interativa na internet permitindo que qualquer pessoa obtenha detalhadamente as explicações sobre as 11 dimensões consideradas pela *Better Life Initiative*, assim como possibilita averiguar como está a situação dos países a partir de critérios e prioridades que o próprio usuário define. O segundo produto da *Better Life Initiative* foi lançado em outubro de 2011, e é chamado *How's Life*, tratando-se de um relatório que apresenta pela primeira vez numa única publicação dados mundiais e comentários referentes às 11 dimensões citadas. O capítulo 12 do *How's Life* é intitulado justamente *Subjective Well-Being*, que, em aproximadamente 20 páginas, aborda a importância do tema, os modos de mensuração e cita empreendimentos recentes.

Finalmente, em outubro de 2012, na Índia, houve o 4º Fórum Mundial da OCDE, intitulado *Measuring Well-Being for Development and Policy Making*. Uma vez que a temática da felicidade e das pesquisas sobre bem-estar subjetivo já estavam, enfim, consolidadas na agenda da OCDE, esse fórum não apresentou grandes novidades perante o anterior no que se refere ao tema de nosso interesse. Cabe mencionar, porém, que na agenda do evento, dentro do tema abrangente "Qualidade de Vida", o qual, como vimos, é um dos três principais aspectos considerados pela OCDE para pensar a questão do bem-estar, houve o *workshop*

Increasing people's subjective well-being, que apresentou um enfoque mais direcionado para o tema do bem-estar subjetivo. Também é digno de nota que, no texto de conclusões do Fórum, elogiou-se a Rio +20 por ter sinalizado em favor do desenvolvimento de métricas que complementam o PIB e também a resolução da ONU 65/309 que, nas palavras do texto, traz as noções de felicidade e bem-estar para o coração das políticas de desenvolvimento.

Considerações Finais

A partir da análise aqui empreendida sobre os Fóruns Mundiais da OCDE, gostaríamos de destacar aspectos que interpretamos à luz da literatura das comunidades epistêmicas. Primeiramente, cumpre destacar que a abordagem da atuação da OCDE da perspectiva das comunidades epistêmicas não é uma novidade. O trabalho de Albert & Laberge (2007), por exemplo, já discutiu amplamente o papel de influência da autoridade e do prestígio da OCDE enquanto comunidade epistêmica no desenho de políticas de inovação no Canadá. É forçoso, porém, retomar aqui brevemente algumas características básicas da discussão sobre comunidades epistêmicas.

Hass (1992) define as comunidades epistêmicas como redes de profissionais com expertise e competência reconhecidas num domínio específico, as quais postulam uma demanda por autoridade reivindicada pela detenção de conhecimentos científicos relevantes para as políticas ligadas àquela área em questão. Partindo dessa definição, é possível enxergar os Fóruns da OCDE como ocasiões privilegiadas para a formação de comunidades epistêmicas na atualidade. Afinal, reúnem-se ali profissionais de prestígio provenientes de várias áreas de pesquisa, interessados em fazer com que o conhecimento produzido por seus trabalhos possa exercer algum tipo de influência na política.

Nos Fóruns Mundiais da OCDE, esses encontros entre especialistas renderam desdobramentos a ponto de influenciar iniciativas de proeminência global, tais como as citadas na introdução do presente artigo, além de implicar em transformações na própria OCDE, sendo que os atores centrais que transitaram entre as diferentes instituições envolvidas nesses empreendimentos foram os estatísticos Enrico Giovannini e Jon Hall. Ademais, retomando a questão da coesão das comunidades epistêmicas tratada por Cross (2013), que se manifestaria no grau de profissionalização (normas, padrões, treinamentos, socialização, status e autoridade sobre determinado campo do conhecimento), é possível notar que os Fóruns da OCDE estão se desenvolvendo nesse sentido, uma vez que o volume de eventos de preparação, *workshops*, materiais que buscam estabelecer padrões

comuns, a plataforma *WikiProgress*, enfim, diversos elementos e iniciativas revelam que o empreendimento de construir uma comunidade global de especialistas influentes do ponto de vista da mensuração e promoção do progresso vai crescendo em grau de profissionalização e, portanto, de coesão.

Assim sendo, considerando os aspectos mencionados, podemos concluir que abordamos no presente estudo uma comunidade epistêmica. Porém, mais do que enxergar uma simples comunidade epistêmica, poder-se-ia argumentar que o mais sensato seria admitir que são várias, visto que se trata de diversos grupos de especialistas com diferentes iniciativas, que possuem demandas específicas. Não nos parece forçoso, todavia, afirmar que ao verificar que o *Global Project on Measuring the Progress of Societies*, por exemplo, é uma “rede de redes”, é possível visualizar nesse empreendimento da OCDE uma comunidade epistêmica “guarda-chuva”, isto é, que abarca várias outras comunidades epistêmicas (regionais ou temáticas) que possuem alguns traços comuns.

Os diversos relatórios, documentos e textos analisados no presente artigo são exemplos claros de “textos estratégicos”, segundo a terminologia de Rose (2003), pois possuem um conteúdo que claramente aborda problemas, propõe soluções, defende posturas perante as questões em jogo e visam a influenciar profissionais da área (estatísticos, economistas, sociólogos e etc.) e tomadores de decisão em cargos governamentais. Acreditamos que nossa contribuição neste estudo vai no sentido de identificar um exemplo significativo de comunidade epistêmica atual, trazendo mais elementos para a consideração da tendência de crescimento da importância política de redes internacionais de pesquisadores. Mais precisamente, julgamos que demos um importante passo adiante na discussão de como se forma, por um lado, a agenda da produção estatística e da demanda política por indicadores, e também, por outro, a mobilização de atores e redes de especialistas em prol de um objetivo, ou mesmo de uma causa.

Referências Bibliográficas

ALBERT, M., LABERGE, S. "The Legitimation and Dissemination Process of the Innovation System Approach." **Science, Technology & Human Values**, v. 32, n. 2, p. 221-249, 2007.

ANDREWS, F., WITHEY, S. **Social Indicators Of Well-Being: Americans' Perceptions Of Life Quality**. New York: Plenum Press, 1976.

ANGNER, E. "The Evolution Of Eupathics: The Historical Roots Of Subjective Measures Of wellbeing." **International Journal of Wellbeing**, v. 1, n. 1, p. 4-41, 2011.

BRADBURN, N; CAPLOVITZ, D. **Reports On Happiness: A Pilot Study Of Behavior Related To Mental Health**. Chicago, IL: Aldine, 1965.

CAMERON, D. PM. **Speech On Well-being** (25 November 2010)[Online]. London. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/speeches/pm-speech-on-wellbeing>>. Acesso em: jun. 2015.

CAMPBELL, A. "Subjective Measures Of Well-being." **American Psychologist**. v. 31, n. 2, p. 117-124, 1976.

CANTRIL, H. **The Pattern Of Human Concerns**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1965.

CLARK, A; OSWALD, A. "Unhappiness And Unemployment." **Economic Journal**, v. 104, n. 424, p. 648-659, 1994.

COBB, C; RIXFORD, C. **Lessons Learned From The History Of Social Indicators**. San Francisco: Redefining progress, 1998.

CONCEIÇÃO, P; BANDURA, R. **Measuring Subjective Wellbeing: A Summary Review Of The Literature**. UNDP: New York, 2008.

CORBI, R. **Liberdade, Macroeconomia E Felicidade: Uma Análise Empírica De Um Pannel De Países**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria Econômica, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - Universidade de São Paulo, 2007.

CROSS, M. "Rethinking Epistemic Communities Twenty Years Later. **Review of international studies**, v. 39, n. 1, p. 137-160, 2013.

DEATON, A. "Income, Health And Well-Being Around The World: Evidence From The Gallup World Poll." **Journal of economic perspectives**, v. 22, n. 2, p. 53-72, 2008.

DIENER, E. "Subjective Well-being." **Psychological bulletin**, v. 93, p. 542-575, 1984.

DIENER, E. "Guidelines For National Indicators Of Subjective Well-Being And Ill-Being." **Applied Research in Quality of life**, v. 1, n. 2, p. 151-157, 2006.

DIENER, E; SUH E; LUCAS, R; SMITH, H. "Subjective Well-Being: Three Decades Of Progress." **Psychological Bulletin**, v. 125, n. 2, p. 276-302, 1999.

FEIJO, C; VALENTE, E; CARVALHO, P. "Além Do PIB: Uma Visão Crítica Sobre Os Avanços Metodológicos Na Mensuração Do Desenvolvimento Sócio Econômico E O Debate No Brasil Contemporâneo." **Estatística e Sociedade**, n.2, p. 42-56, 2012.

FREITAS, G. **Redefinindo O Progresso: A Ascensão Política De Pesquisas Sobre Bem-Estar Subjetivo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2012.

FREY, B; STUTZER, "A. Happiness, Economy And Institutions." **The Economic Journal**, v. 110, p. 918-938, 2000a.

FREY, B; STUTZER, "A. Maximizing Happiness?" **German economic review**, v. 1, n. 2, p. 145-167, 2000b.

FREY, B; STUTZER, A. **Happiness And Economics: How The Economy Institutions Affect Well-Being**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2002.

GURIN, G; VEROFF, J; FELD, S. **Americans view their mental health: a nationwide interview survey**. New York, NY: Basic Books, 1960.

HASS, P. "Introduction: Epistemic Communities And International Policy Coordination." **International Organization**, v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992.

HOORN, A. A Short Introduction To Subjective Well-Being: Its Measurements, Correlates And Policy Uses. **OECD Conference Proceedings**, Roma, 2007.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. Editora Globo. 5ª Edição. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. Porto Alegre, [1932] 1979.

KAHNEMAN, D; KRUEGER, A. "Developments In The Measurement Of Subjective Well-Being." **Journal of economic perspectives**, v. 20, n. 1, p. 3-24, 2006.

KAHNEMAN, D; KRUEGER, D; SCHKADE, D; SCHWARZ, N; STONE, A. "Toward National Well-Being Accounts." **American Economic Review**, v. 94, n. 2, p. 429-434, 2004.

LAYARD, R. **Happiness: Lessons From A New Science**. New York, NY: Penguin Press, 2005.

MCGILLIVRAY, M. Human Well-Being: Issues, Concepts And Measurements. In: MCGILLIVRAY (ed.) **Human Well-being: Concept and Measurement**. Basingstoke, UK: Palgrave MacMillan, 2007.

ROSE, N. "Neurochemical Selves." **Society**, v. 41, n. 1, p. 46-59, 2003.

SANTAGADA, S. "Indicadores Sociais: Uma Primeira Abordagem Social E Histórica." **Pensamento Plural**, v. 1, p. 113-142, 2007.

SELIGMAN, M. **Felicidade Autêntica: Usando A Nova Psicologia Positiva Para A Realização Permanente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

STIGLITZ, J; SEN, A; FITOUSSI, J. P. **Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress**, 2008. Disponível em: < http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr/documents/rapport_anglais.pdf>. Acesso em: jun. 2015.

VEENHOVEN, R. "Is Happiness Relative?" In: FARGAS, J.; INNES, J. (eds.) **Recent Advances in Social Psychology: an International Perspective**. Elsevier Science, Amsterdam, p. 235-247, 1989.

VEENHOVEN, R. "The Study of Life Satisfaction." In: SARIS, W., VEENHOVEN, R., SCHERPENZEEL, A., BUNTING B. (eds.). **A Comparative Study of Satisfaction with Life in Europe**. Eötvös University Press. p. 11-48, 1996.

VEENHOVEN, R. "Advances in Understanding Happiness." **Revue Québécoise de Psychologie**, v. 18, p. 29-74, 1997.

VEENHOVEN, R. "Freedom and Happiness: A Comparative Study in 46 Nations in The Early 1990's." In: DIENER, E.; SUH, E. (eds.) **Culture and Subjective Well-being**. Cambridge: MIT Press, 2000.

VEENHOVEN, R. "Sociology's Blind Eye for Happiness." **Paper proceedings at 16th World Congress of Sociology**, Durban, South Africa, 2006.

VEENHOVEN, R. "Subjective measures of Well-being." In: MCGILLVRAY (ed.) **Human Well-being: Concept and Measurement**. Basingstoke, UK: Palgrave MacMillan, 2007.

WATSON, G. Happiness "Among Adult Students of Education." **Journal of Educational Psychology**, v. 21, n. 2, p. 79-109, 1930.

WILSON, W. "Correlates of Avowed Happiness." **Psychological Bulletin**, v. 67, n. 4, p. 924-306, 1967.

WINTER, D; BARENBAUM, N. "History of Modern Personality Psychology Theory and Research." In: PERVIN, L; JOHN, O. (eds.) **Handbook of personality: theory and research**. New York, NY: Guilford Press, 1999.

Recebido em maio de 2015

Aprovado em setembro de 2015